

INTRODUÇÃO

Ultimamente tem se discutido sobre a possibilidade de uma articulação entre a Psicanálise e a Neurociência. A Neurociência surgiu em meados do século XX, a partir da confluência de várias disciplinas, desde as mais básicas – como a Neuroanatomia, a Histologia do sistema nervoso, a Bioquímica neural e a Neurobiologia molecular – até as mais clínicas, como a Neurologia, a Neuropatologia, a Neuropsicologia e a Psiquiatria. Além destas disciplinas, outras também aderiram ao movimento, como a Inteligência Artificial, a Informática Robótica, vários ramos da Matemática e da Física. A partir da unificação deste campo e de seu desenvolvimento, graças a sofisticadas técnicas de neuro-imagem, tem se apontado para uma articulação com a Psicanálise. Para se admitir, no entanto, que uma articulação seja possível, faz-se necessária a retomada da própria história da Psicanálise. Sabemos que a Psicanálise é filha da Neurologia e que seu inventor, Sigmund Freud, era médico neurologista. Ao escrever o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), Freud pretendia, como o título original sugere, elaborar uma *Psicologia para neurologistas*, reunindo a emergente disciplina – a Psicanálise – com as ciências do cérebro.

É interessante notar que embora o *Projeto* tenha sido a obra de Freud mais consultada, no sentido de auxiliar a busca de uma ponte entre a Psicanálise e a Neurociência, Solms, M. & Saling, M. (1986) sugerem que este caminho foi o responsável por inúmeras controvérsias observadas nessa tentativa de diálogo, fazendo com que muitos autores (Kris, 1950,1954; Jones, 1953; Strachey, 1966; Gill, 1976; Peterfreund, 1971) apontassem para a impossibilidade do diálogo, defendendo uma fragilidade nesse elo e considerando a Psicanálise como uma psicologia pura. Solms, M. & Saling, M. (1986) argumentam que há uma má compreensão da importância do *Projeto*, uma vez que seu lugar na história da Psicanálise foi mal representado, e acrescentam que a monografia de Freud sobre as afasias, de 1891¹, é mais apropriada para se buscar *insights* sobre a relação entre a Psicanálise e a Neurociência.

¹ *Zur Auffassung der Aphasien. Eine Kritische Studie* (dedicado a Joseph Breuer). N do E (1953/1977).

Nesse sentido, Solms, M. & Saling, M. (1986) argumentam que o que Freud pretendia ao escrever o *Projeto* de 1895 não estaria voltado especificamente para o aspecto neurológico, mas fundamentalmente para a sua experiência na clínica da neurose, e consistia em analisar de que modo a teoria do funcionamento psíquico se estruturaria em termos quantitativos, uma espécie de economia nervosa. Pode-se considerar esta uma tentativa frustrada, uma vez que o próprio Freud se referiu ao *Projeto* como uma aberração², o que o fez abandoná-lo posteriormente. Na verdade, o último modelo³ do *Projeto* foi renomeado de *Metapsicologia*, apresentando as formulações básicas que serão encontradas na *Interpretação dos Sonhos*. Evidência a esse respeito pode ser encontrada em *A História do Movimento Psicanalítico*, em que Freud afirma que “a interpretação dos sonhos foi concluída em todas as suas essências no início de 1896” (1914b, p.22).

Solms, M. & Saling, M. (1986) sugerem, portanto, que é na *Interpretação das Afasias* (1891) que podemos encontrar o elo perdido entre o Freud neurologista e o Freud psicanalista. Freud rompe com a tradição da Neurologia alemã – localizacionista – e sugere um novo modelo de articulação cérebro-psiquismo, não mais baseado na teoria mecanicista córtico-cêntrica de Meynert, mas nas influências que recebeu de seu orientador Hughlings Jackson. Dessa forma, em vez de conceber que o psíquico estaria localizado em uma área específica do córtex, mantendo uma relação de causa e efeito com os processos sub-corticais, Freud passa a adotar a premissa do paralelismo psico-físico, o que permite investigar o psíquico em seus próprios termos, sendo que não se deve negar, entretanto, a concomitância existente entre esses dois processos. De acordo com Solms & Saling (1986), *A Interpretação das Afasias* é a primeira investigação de Freud sobre a dinâmica do processo psíquico, que contém um detalhado modelo de *aparelho de linguagem*, sendo o aparelho central envolvido na *cura pela fala*⁴.

Jones (1953) argumenta que *A Interpretação das Afasias* consiste essencialmente em uma crítica radical e revolucionária à doutrina sobre a afasia

² *The origins of Psycho-Analysis, letters to Wilhelm Fliess, Drafts, Notes:1887-1902*. New York. Basic Books.

³ O último modelo do *Projeto* foi apresentado a Wilhelm Fliess em janeiro de 1896.

⁴ A paciente de Freud e Breuer, Ana O – cujo verdadeiro nome é Bertha Pappenheim – designou a seu tratamento psicanalítico o nome de *Talking Cure* – “Cura pela fala” (Freud, 1910).

de Wernicke-Lichtheim, então quase universalmente aceita, tendo sido a primeira crítica formulada à mesma. Depois que Broca descobriu uma área no lobo frontal cuja lesão origina a afasia motora (perturbação da função de execução da fala), e Wernicke, em 1874, localizou uma área do lobo temporal responsável pela afasia sensorial (perturbação da compreensão da fala), os neurologistas se viram diante da necessidade de explicar as numerosas variedades de perturbações da linguagem. A partir daí, Wernicke e Lichtheim esboçaram esquemas ilustrativos das supostas conexões dos centros de linguagem e indicaram diversas áreas cuja lesão respectiva explicaria tal ou qual combinação de perturbações afásicas. Quanto maior era o número de perturbações observadas, mais complicados eram os diagramas. Uma análise detalhada dos casos publicados demonstrou que os esquemas apresentavam contradições internas. Freud, então, colocou em questão a própria base da doutrina localizacionista, apoiando-se, assim, na doutrina da “desinvolução” de Hughlings Jackson (1878), calcada na noção de que as aptidões mais recentemente adquiridas são afetadas antes, o que supunha uma explicação de ordem *funcional*. Então, no lugar desses esquemas de localizações específicas, Freud propôs uma perspectiva holista para a compreensão do funcionamento do sistema nervoso enquanto substrato dos processos psíquicos. Isso representava para Freud uma primeira etapa no processo de emancipação dos aspectos mais mecânicos da escola de Helmholtz em que havia se formado. Assim, desafiou os ensinamentos de Meynert, segundo os quais devemos imaginar as idéias e as lembranças como localizadas em diversas células do cérebro (Jones, 1953).

Após a morte de Freud, foi desenvolvida a moderna disciplina da Neuropsicologia sob a liderança de Aleksandr Romanovich Luria⁵. Em seu livro *The Working Brain*, Luria (1973) sintetizou as teorias e métodos desse novo campo, caracterizando-o como neuro-dinâmico. Da mesma forma que Freud, Luria concebia que funções psicológicas não poderiam ser localizadas em áreas estáticas do córtex, e admitia um paralelismo de modo que o psíquico e o físico deveriam ser compreendidos em diferentes perspectivas.

Solms, M. & Saling, M. (1986) sugerem, nesse sentido, que a possibilidade de uma interface entre a Psicanálise e a Neurociência poderia

⁵ A. R. Luria (1902-1977) dedicou-se durante quarenta anos ao estudo psicológico de pacientes com lesões cerebrais (Introdução feita por Oliver Sacks em *The Working Brain: An Introduction to Neuropsychology*, Basic Books).

ocorrer fundamentalmente através do diálogo com o terreno da Neuropsicologia. Esses autores argumentam que a Neuropsicologia clínica está atualmente se atendo mais profundamente às mudanças de personalidade e aos distúrbios emocionais observados em pacientes com lesão cerebral, encontrando uma lacuna em termos de uma base conceitual sólida, por onde a Psicanálise teria algo a contribuir. A Psicanálise, por sua vez, poderia se beneficiar das descobertas da Neuropsicologia relativas à organização cerebral subjacente ao funcionamento psicológico. De acordo com Solms, M. & Saling, M. (1986), é possível que possamos identificar, por exemplo, sistemas cerebrais relacionados com as várias funções do ego, havendo, portanto, uma chance de aprimorarem nossa compreensão a respeito da agência egóica.

Em 1992, alguns anos após Solms, M. & Saling, M. (1986) proporem uma colaboração entre a Psicanálise e a Neuropsicologia, foi fundada uma sociedade de Neuro-psicanálise pelo psicanalista e neurocientista Mark Solms e por sua esposa, Karen Kaplan-Solms, fonoaudióloga, neuropsicóloga e também psicanalista (Solms, M & Kaplan-Solms, K., 2000). O método de pesquisa usado por esses pesquisadores baseia-se na tradição clínica do neuropsicólogo Luria, e consiste na correlação de lesões cerebrais localizadas – tais como tumores, acidentes vasculares cerebrais e ressecções cirúrgicas – com os resultados de uma ampla investigação psicanalítica para discernir modificações na psicologia profunda. Encontramos, no entanto, posições divergentes a respeito da proposta de se articular Psicanálise e Neurociência. Há autores que discordam terminantemente de qualquer aproximação entre a Psicanálise e a Neurociência, e há ainda aqueles que são a favor de um diálogo, mas não de uma fusão como pretendem alguns neuropsicanalistas.

No intuito de mapear os debates a respeito da possibilidade de uma articulação entre esses dois campos – Psicanálise e Neurociência – encontramos diferentes posicionamentos. Podemos separá-los em três grupos principais. O primeiro grupo denominaremos de grupo da *hibridação*. O segundo será designado como grupo do *isolamento*. E o terceiro será caracterizado como grupo da *interlocação*. Deve-se frisar que essas três denominações servem para facilitar a distinção de cada grupo, na medida em que auxilia na compreensão das premissas presentes em cada um deles. As diferentes premissas e os argumentos

para fundamentá-las serão apresentados no 3º capítulo. Esta divisão em três grupos foi inspirada na fala de Benilton Bezerra Jr. no 1º Congresso Internacional de Neurociência e Sociedade Contemporânea, cujo tema foi denominado “Em busca do cérebro de Freud”, realizado no Rio de Janeiro de 2 a 4 de agosto de 2006.

Iniciaremos, portanto, nossa investigação apresentando um breve histórico sobre a carreira de Freud no campo da Neurologia. Serão demonstrados, em seguida, alguns aspectos da frenologia, precursora da doutrina localizacionista. Discutiremos, então, as críticas de Freud à doutrina localizacionista, quando adere ao modelo holista de cérebro, inspirado na concepção teórica do neurologista inglês John Hughlings-Jackson.

Freud tenta, em seguida, através do *Projeto para uma psicologia científica* (1895), criar um modelo com bases neurológicas para teorizar seus achados clínicos, e ao notar a inviabilidade de tal pretensão – inclusive porque os conhecimentos neurológicos da época eram insuficientes⁶ – ele desiste especificamente da base neurológica dando um outro rumo ao texto do *Projeto*. Deve-se frisar, como sugere Panhuysen (1998), que no *Projeto* não havia um reducionismo do funcionamento psíquico, mas apenas uma tentativa de construir um *modelo* das bases neurológicas. Em outras palavras, não se trata do psiquismo propriamente dito. A partir desse momento, Freud passa a elaborar a sua metapsicologia – modelo teórico do aparelho psíquico – apoiado em observações clínicas, e publica, alguns anos depois, *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Essa obra apenas rendeu-lhe prêmio de literatura, não sendo prontamente reconhecida pela comunidade científica, como Freud expressa no prefácio da 2ª edição de *Die Traumdeutung*, de 1909.

A não aceitação da Psicanálise como uma ciência pela “comunidade científica” que dura até os dias atuais, suscitou-nos o interesse em investigarmos diferentes concepções sobre a cientificidade da Psicanálise, o que será feito no 2º capítulo. Apresentaremos, portanto, diferentes concepções sobre o estatuto epistemológico da Psicanálise, inclusive visões do próprio Freud a esse respeito. Serão discutidas questões sobre ciências naturais e ciências humanas, além da

⁶ Apenas em 1891 passa-se a usar o termo neurônio, cunhado por Wilhelm Waldeyer (Referência: Curso de Tópicos em Neurociência, oferecido por Landeira-Fernandez, PUC-Rio, 2007).

imposição da adoção do método das ciências naturais às ciências humanas. Notamos que os critérios de cientificidade envolvem interesses político-econômicos e refletem um jogo de poder. É nesse sentido que decidimos articular os aspectos epistemológicos com questões sociológicas e antropológicas que influenciam, e até mesmo determinam, os percursos e percalços dos empreendimentos científicos. O nosso interesse nessa discussão é pensarmos de que forma a ausência de um estatuto de ciência para a Psicanálise pode interferir no debate entre a Psicanálise e a Neurociência, uma vez que alguns neurocientistas desqualificam toda uma produção teórico-conceitual que, por mais de cem anos, vem sendo construída e integrada às demandas da sociedade ocidental no tratamento psicológico. Utilizaremos nesse 2º capítulo as contribuições de Bruno Latour, que, inaugurando um campo denominado Antropologia da Ciência, oferece um enfoque original e um esclarecimento sobre o trânsito conturbado das vias que ligam Ciência e Sociedade.